Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica
(https://periodicos.unisanta.br/COB)

ISSN 2317-1316

INICIAÇÃO AO PARADESPORTO E ÀS ATIVIDADES ESPORTIVAS ADAPTADAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA POR MEIO DO PIBID PARA A ACESSIBILIDADE, A INCLUSÃO E O COMBATE AO CAPACITISMO

INITIATION INTO PARASPORTS AND ADAPTED SPORTS ACTIVITIES IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION: A FORMATIVE EXPERIENCE THROUGH PIBID FOR ACCESSIBILITY, INCLUSION AND THE FIGHT AGAINST ABLEISM

Arthur Teixeira Lima, Raphaela dos Santos Gonçalves, Carolina Rodrigues Lincoln-de-Carvalho, Marcio Rodrigues dos Santos.

Universidade Santa Cecília, Faculdade de Educação, Curso de Licenciatura em Educação Física.
E-mail para contato: at267377@alunos.unisanta.br

RESUMO – A inclusão de estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física exige práticas pedagógicas que considerem diferentes formas de participação, aprendizagem e realização das experiências corporais. Nesse contexto, o paradesporto e as atividades esportivas adaptadas podem ampliar o repertório da Educação Física escolar e favorecer discussões sobre acessibilidade, diversidade e capacitismo. Este artigo tem como objetivo analisar possibilidades pedagógicas para a iniciação ao voleibol sentado, ao futebol de cinco e à capoeira adaptada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, articulando essas práticas à formação inicial proporcionada pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Trata-se de estudo qualitativo, bibliográfico e descritivo, fundamentado em legislação, documentos institucionais e produções acadêmicas sobre Educação Física inclusiva, paradesporto e formação docente. A análise evidencia que as modalidades adaptadas podem ser trabalhadas como manifestações da cultura corporal, desde que as atividades sejam planejadas de acordo com a faixa etária, as características dos estudantes e os princípios de acessibilidade. Destaca-se também a necessidade de evitar práticas de sensibilização baseadas na simulação da deficiência, priorizando o conhecimento das modalidades, a identificação das barreiras e a construção de possibilidades efetivas de participação. Conclui-se que o paradesporto pode integrar o currículo da Educação Física e contribuir para a formação inicial de professores comprometidos com práticas inclusivas e com o enfrentamento do capacitismo.

ISSN 2317-1316

Palavras-chave: Educação Física escolar; Paradesporto; Inclusão; Acessibilidade; Capacitismo; PIBID.

ABSTRACT – The inclusion of students with disabilities in Physical Education classes requires pedagogical practices that consider different forms of participation, learning, and bodily experience. In this context, parasports and adapted sports activities can broaden the repertoire of School Physical Education and foster discussions on accessibility, diversity, and ableism. This article aims to analyze pedagogical possibilities for introducing sitting volleyball, football five-a-side, and adapted capoeira in the early years of elementary education, connecting these practices with initial teacher education within the Institutional Teaching Initiation Scholarship Program (PIBID). This is a qualitative, bibliographic, and descriptive study based on legislation, institutional documents, and academic publications on inclusive Physical Education, parasports, and teacher education. The analysis indicates that adapted sports can be addressed as manifestations of body culture, provided that activities are planned according to students' age, characteristics, and accessibility principles. The study also emphasizes the importance of avoiding awareness activities based on simulating disability, prioritizing knowledge of the sports, identification of barriers, and the development of effective participation possibilities. It is concluded that parasports can be integrated into the Physical Education curriculum and contribute to the initial education of teachers committed to inclusive practices and confronting ableism.

Keywords: School Physical Education; Parasports; Inclusion; Accessibility; Ableism; PIBID.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar oferece aos estudantes oportunidades de conhecer e vivenciar diferentes manifestações da cultura corporal, incluindo jogos, esportes, lutas, danças, ginásticas e práticas corporais diversas. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, essas experiências também participam da construção das relações entre as crianças, de suas percepções sobre o corpo e das maneiras pelas quais compreendem diferenças e possibilidades de participação (Brasil, 1996).

A presença de estudantes com deficiência nas instituições regulares de ensino amplia a necessidade de práticas que reconheçam diferentes formas de aprender, comunicar-se, movimentar-se e participar. A Lei Brasileira de Inclusão estabelece a educação como direito da pessoa com deficiência e determina a garantia de sistema educacional inclusivo, além de

ISSN 2317-1316

assegurar condições de participação em atividades esportivas e recreativas em igualdade de oportunidades (Brasil, 2015).

A inclusão, portanto, não se limita à matrícula ou à presença física do estudante na aula. Uma atividade pode ocorrer em espaço arquitetonicamente acessível e ainda produzir exclusão quando suas regras, materiais, formas de comunicação ou critérios de desempenho impossibilitam a participação de determinados estudantes. A acessibilidade precisa alcançar também as dimensões pedagógica, metodológica, comunicacional e atitudinal (Brasil, 2015).

Essa discussão relaciona-se diretamente ao capacitismo, entendido como conjunto de concepções e práticas que inferiorizam ou limitam pessoas em razão da deficiência. No contexto escolar, ele pode aparecer na exclusão de estudantes das atividades, na redução das expectativas sobre suas possibilidades, na superproteção ou na concepção de que determinadas práticas corporais pertenceriam exclusivamente às pessoas sem deficiência (Fiorini; Manzini, 2014).

A Educação Física possui condições favoráveis para problematizar essas concepções porque trabalha diretamente com diferentes formas de movimento e participação. Ao modificar regras, materiais, espaços ou estratégias de comunicação, torna-se possível demonstrar que muitas dificuldades não estão exclusivamente no corpo do estudante, mas nas barreiras presentes na organização da própria atividade (Fraga; Silva, 2024).

Nesse contexto, o paradesporto pode ser incorporado como conteúdo curricular. Modalidades como voleibol sentado, futebol de cinco, goalball e basquetebol em cadeira de rodas apresentam formas próprias de organização e ampliam o conhecimento dos estudantes sobre as diferentes possibilidades de participação esportiva (Fraga; Silva, 2024).

Sua presença na escola, entretanto, não deve ser compreendida exclusivamente como iniciação para o alto rendimento. Nos anos iniciais, o objetivo educacional está relacionado ao conhecimento das modalidades, à ampliação das experiências corporais, à cooperação, ao reconhecimento da diversidade e à compreensão das estratégias de acessibilidade utilizadas nas diferentes práticas esportivas (Beltrame; Sampaio, 2015).

Também é necessário cuidado com propostas que utilizem a simulação da deficiência como principal forma de sensibilização. Vendar os olhos dos estudantes ou limitar artificialmente seus movimentos apenas para que experimentem “como é ter uma deficiência” pode produzir interpretações simplificadas. A abordagem pedagógica deve priorizar o

ISSN 2317-1316

conhecimento das modalidades, das barreiras e das estratégias de participação, reconhecendo as pessoas com deficiência como sujeitos de direitos e praticantes legítimos do esporte (Fraga; Silva, 2024).

A iniciação ao paradesporto também apresenta possibilidades para a formação inicial docente. Estudos sobre a inclusão em Educação Física identificam dificuldades relacionadas à formação profissional, à organização das aulas, aos recursos disponíveis e à escolha de estratégias que possibilitem a participação de estudantes com deficiência (Fiorini; Manzini, 2014).

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência contribui para aproximar licenciandos do cotidiano das escolas públicas e proporcionar experiências de observação, planejamento e intervenção acompanhadas por professores mais experientes. Essa inserção cria condições para que conhecimentos discutidos na formação universitária sejam relacionados às situações concretas encontradas no trabalho pedagógico (CAPES, 2024).

Quando essa formação incorpora práticas inclusivas, o licenciando pode desenvolver uma compreensão mais cuidadosa sobre adaptação. Adaptar não significa simplesmente tornar uma atividade mais fácil, mas identificar os obstáculos presentes e reorganizar objetivos, recursos, regras e formas de comunicação para ampliar as possibilidades de aprendizagem e participação (Jokura; Pecinato, 2023).

Entre as modalidades selecionadas neste estudo estão o voleibol sentado e o futebol de cinco, ambos identificados na literatura como possibilidades para o trabalho com paradesporto na Educação Física escolar. A capoeira adaptada também foi incluída por oferecer diferentes possibilidades corporais e articular movimento, ritmo, música, interação e cultura afro-brasileira (Fraga; Silva, 2024; Guthierrez; Perelli dos Santos, 2025).

Diante dessas considerações, o objetivo deste artigo é analisar as possibilidades pedagógicas da iniciação ao paradesporto e às atividades esportivas adaptadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental por meio do PIBID, tendo como eixos o voleibol sentado, o futebol de cinco e a capoeira adaptada. Busca-se discutir formas de organização dessas práticas e suas relações com acessibilidade, inclusão, formação docente e enfrentamento do capacitismo (Brasil, 2015; Fraga; Silva, 2024).

ISSN 2317-1316

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo caracteriza-se como pesquisa de abordagem qualitativa, bibliográfica e descritiva, voltada à análise de possibilidades pedagógicas para a iniciação ao paradesporto e às atividades esportivas adaptadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A fundamentação foi constituída a partir de legislação brasileira, documentos institucionais e produções acadêmicas relacionadas à Educação Física inclusiva, ao esporte adaptado, ao paradesporto, à capoeira e à formação inicial promovida pelo PIBID.

Foram consideradas produções recentes, especialmente aquelas voltadas à presença do paradesporto no ambiente escolar, sem excluir trabalhos anteriores necessários à discussão da inclusão e da iniciação esportiva adaptada.

O material foi organizado em quatro eixos de análise: inclusão e acessibilidade na Educação Física escolar; possibilidades pedagógicas do voleibol sentado, futebol de cinco e capoeira adaptada; enfrentamento do capacitismo; e formação inicial de professores no âmbito do PIBID.

As modalidades foram analisadas como conteúdos educacionais e não como reprodução integral de suas formas competitivas. Dessa maneira, as propostas consideram adaptações compatíveis com a faixa etária, preservando características que permitam apresentar aos estudantes os princípios e formas de organização de cada prática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Paradesporto, acessibilidade e Educação Física escolar

A literatura analisada indica que o paradesporto pode integrar os conteúdos da Educação Física escolar e ampliar as experiências oferecidas aos estudantes. O contato com diferentes modalidades permite reconhecer que o esporte pode assumir múltiplas formas de organização

ISSN 2317-1316

e que regras, equipamentos e estratégias podem ser estruturados de acordo com diferentes necessidades de participação (Fraga; Silva, 2024).

Essa perspectiva contribui para deslocar a deficiência de uma interpretação centrada exclusivamente nas limitações individuais. Quando uma criança encontra dificuldade para participar, a análise pedagógica pode concentrar-se também nas características da atividade: tamanho do espaço, velocidade do jogo, altura da rede, tipo de bola, forma de comunicação e organização das regras (Brasil, 2015).

A acessibilidade passa, dessa maneira, a ser compreendida como responsabilidade coletiva. Em vez de perguntar apenas o que determinado estudante consegue ou não realizar, a organização pedagógica pode questionar quais modificações são necessárias para que diferentes participantes tenham condições reais de envolvimento na atividade (Brasil, 2015).

Essa concepção aproxima-se de uma Educação Física inclusiva que não utiliza a participação esportiva apenas para selecionar os estudantes com melhor desempenho. O acesso à cultura corporal pressupõe reconhecer ritmos, características e formas distintas de realizar uma mesma experiência (Beltrame; Sampaio, 2015).

A literatura também reforça que o paradesporto pode ser apresentado mesmo em turmas nas quais não estejam matriculados estudantes com deficiência. Como manifestação da cultura corporal contemporânea, seu conhecimento integra a ampliação do repertório dos estudantes e possibilita discutir direitos, diversidade e acessibilidade sem tratar a inclusão como questão exclusiva das pessoas com deficiência (Fraga; Silva, 2024).

3.2. Voleibol sentado

O voleibol sentado apresenta possibilidades pedagógicas para trabalhar elementos presentes no voleibol, como recepção, passe, saque, organização coletiva e cooperação, a partir de uma dinâmica corporal específica. Estudos identificam a modalidade entre as práticas utilizadas no contexto escolar e destacam seu potencial para ampliar o repertório da Educação Física (Mendes et al., 2023).

Nos anos iniciais, a aproximação pode começar com atividades de familiarização realizadas no chão, envolvendo deslocamentos sentados, controle da bola, lançamentos,

ISSN 2317-1316

recepções e manutenção coletiva da bola em movimento. Posteriormente, podem ser introduzidas redes mais baixas, espaços reduzidos e regras adequadas aos objetivos educacionais da turma (Mendes et al., 2023).

Essas adaptações não pretendem substituir as regras oficiais nem apresentar uma versão equivocada da modalidade. Elas funcionam como processo de iniciação, permitindo que as crianças conheçam progressivamente sua organização, sua história e suas características esportivas (Silva; Cardoso; Almeida, 2021).

O voleibol sentado também oferece possibilidades para discutir conceitos relacionados às diferentes formas de utilização do corpo no esporte. A experiência pode mostrar que alterações nas regras e no modo de deslocamento não diminuem o valor esportivo da modalidade, mas constituem outra organização legítima da prática corporal (Silva; Cardoso; Almeida, 2021).

A denominada inclusão reversa amplia essa discussão ao possibilitar a participação conjunta de pessoas com e sem deficiência em modalidades adaptadas. No ambiente escolar, essa perspectiva pode favorecer experiências compartilhadas sem estabelecer o esporte convencional como modelo superior ao qual todas as outras práticas deveriam se aproximar (Silva; Cardoso; Almeida, 2021).

3.3. Futebol de cinco

O futebol de cinco constitui modalidade destinada a atletas com deficiência visual elegível e possui características relacionadas à orientação espacial, percepção sonora, comunicação e organização coletiva. Sua inserção no ambiente escolar pode ampliar o conhecimento sobre o paradesporto e sobre as estratégias que possibilitam a prática esportiva por pessoas com deficiência visual (Fraga; Silva, 2024).

Em propostas introdutórias, podem ser utilizados recursos sonoros, delimitação segura do espaço, atividades de localização e exercícios cooperativos que valorizem comunicação e orientação. A organização deve respeitar as condições de segurança e explicar aos estudantes as características próprias da modalidade (Fraga; Silva, 2024).

O trabalho pedagógico não precisa concentrar-se na reprodução de uma suposta experiência da cegueira. O aspecto educacional mais relevante consiste em compreender por

ISSN 2317-1316

que o futebol de cinco apresenta determinadas regras e recursos e de que maneira essas estratégias favorecem orientação, autonomia e participação esportiva (Brasil, 2015).

Essa abordagem permite ainda discutir a relação entre tecnologia, acessibilidade e esporte. Bola sonora, orientações verbais e organização espacial podem ser compreendidas como recursos que modificam as condições da prática e tornam possível a participação de atletas com diferentes formas de percepção (Fraga; Silva, 2024).

Ao conhecer essas características, os estudantes podem ampliar a compreensão sobre o esporte paralímpico e reconhecer que a deficiência visual não elimina a possibilidade de desempenho esportivo. O que se modifica são determinados recursos, estratégias e modos de comunicação utilizados durante a prática (Fraga; Silva, 2024).

3.4. Capoeira adaptada

A capoeira amplia as possibilidades da proposta por reunir movimento, música, ritmo, expressão corporal, interação e elementos históricos e culturais afro-brasileiros. Essa diversidade permite organizar experiências com diferentes níveis de complexidade e formas de participação (Guthierrez; Perelli dos Santos, 2025).

As adaptações podem envolver movimentos simplificados, diferentes níveis corporais, apoio durante determinados gestos, atividades em posição sentada, exploração rítmica, instrumentos musicais, cantigas e propostas cooperativas. A escolha das estratégias deve considerar as características individuais e os objetivos definidos para a atividade (Guthierrez; Perelli dos Santos, 2025).

O caráter adaptado não deve retirar da capoeira sua identidade histórica e cultural. Reduzi-la a exercícios motores isolados empobreceria a experiência e eliminaria elementos importantes relacionados à musicalidade, à história, à cultura afro-brasileira e às formas de interação características da prática (Guthierrez; Perelli dos Santos, 2025).

A literatura também apresenta experiências de utilização da capoeira com pessoas com deficiência. Estudos relacionados à síndrome de Down, por exemplo, registram discussões sobre equilíbrio, coordenação e outras dimensões associadas à prática, reforçando

ISSN 2317-1316

possibilidades de investigação e adaptação no campo da Educação Física (Teixeira; Mota, 2018).

No ambiente escolar, a capoeira adaptada pode contribuir ainda para uma abordagem interdisciplinar. Além dos conteúdos corporais, permite articular temas relacionados à História e Cultura Afro-Brasileira, à musicalidade, à expressão artística e aos processos históricos de resistência cultural (Guthierrez; Perelli dos Santos, 2025).

3.5. Capacitismo e práticas de sensibilização

A abordagem do paradesporto também exige atenção à maneira como a deficiência é apresentada aos estudantes. Uma atividade destinada a promover respeito pode produzir efeito contrário quando transforma pessoas com deficiência em objetos de curiosidade, compaixão ou excepcionalidade (Brasil, 2015).

Por essa razão, atividades fundamentadas exclusivamente na simulação da deficiência devem ser tratadas com cautela. Vendar os olhos ou limitar movimentos de estudantes sem deficiência não reproduz a experiência social, histórica e corporal de uma pessoa com deficiência e pode reforçar a ideia de incapacidade se não houver contextualização adequada (Brasil, 2015).

Uma abordagem pedagogicamente mais consistente consiste em apresentar as modalidades, suas regras, atletas, estratégias de acessibilidade e formas de participação. A discussão pode concentrar-se nas barreiras encontradas e nas soluções utilizadas para reorganizar as práticas esportivas (Fraga; Silva, 2024).

Questões como “o que precisa ser modificado para ampliar a participação?” e “quais recursos tornam essa atividade mais acessível?” deslocam a discussão para a própria organização do ambiente. Esse movimento contribui para que a acessibilidade seja compreendida como responsabilidade coletiva e não como tarefa exclusiva do estudante com deficiência (Brasil, 2015).

O enfrentamento do capacitismo também envolve reconhecer autonomia. Oferecer apoio não significa realizar a tarefa pelo colega ou presumir incapacidade. A Educação Física

ISSN 2317-1316

inclusiva precisa construir formas de ajuda que respeitem as possibilidades, escolhas e modos de participação de cada estudante (Brasil, 2015).

3.6. PIBID e formação inicial para práticas inclusivas

A formação de professores constitui um dos desafios identificados na literatura sobre inclusão nas aulas de Educação Física. Dificuldades relacionadas ao conhecimento sobre deficiência, adaptação, recursos e organização pedagógica podem interferir nas possibilidades oferecidas aos estudantes (Fiorini; Manzini, 2014).

O PIBID oferece condições para aproximar o licenciando do cotidiano da escola e permitir que questões discutidas na formação universitária sejam observadas em situações concretas. O planejamento compartilhado com professores supervisores possibilita analisar características das turmas, identificar barreiras e elaborar estratégias antes da realização das atividades (CAPES, 2024).

Durante a prática, o futuro professor precisa observar as respostas apresentadas pelos estudantes e verificar se as adaptações realmente ampliam a participação. Uma estratégia planejada previamente pode necessitar de mudanças diante das situações encontradas durante a aula, tornando a capacidade de observação e reorganização parte importante da formação docente (Jokura; Pecinato, 2023).

Após as experiências, a avaliação conjunta com professores e demais participantes pode favorecer a revisão das propostas. Nesse processo, a escola não funciona apenas como local de aplicação de conhecimentos produzidos na universidade, mas como espaço de formação profissional e produção de conhecimentos sobre a prática pedagógica (CAPES, 2024).

A experiência inclusiva também contribui para que o licenciando compreenda a adaptação como componente do planejamento e não como improvisação realizada somente quando surge determinada dificuldade. Essa compreensão favorece a construção de uma prática docente comprometida com a antecipação e a redução das barreiras à participação (Jokura; Pecinato, 2023).

4 CONCLUSÃO

ISSN 2317-1316

A análise realizada evidencia possibilidades de inserção do paradesporto e das atividades esportivas adaptadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental como parte do repertório curricular da Educação Física.

O voleibol sentado, o futebol de cinco e a capoeira adaptada apresentam características distintas e permitem trabalhar movimento, comunicação, cooperação, expressão corporal, acessibilidade e diversidade por meio de experiências adequadas às características dos estudantes.

A presença dessas práticas no currículo não deve ser condicionada à existência de estudantes com deficiência em determinada turma. O paradesporto constitui manifestação da cultura corporal e pode ser conhecido por todos os estudantes, contribuindo para ampliar suas referências sobre esporte e participação.

O trabalho pedagógico precisa evitar a transformação da deficiência em objeto de curiosidade ou simulação. A compreensão das modalidades, das barreiras e dos recursos de acessibilidade oferece uma perspectiva mais adequada para discutir capacitismo e participação.

A análise também reforça a importância de deslocar a atenção das supostas limitações individuais para as barreiras presentes no ambiente. Regras, materiais, espaços e formas de comunicação podem ser modificados para ampliar as possibilidades de participação sem descaracterizar os objetivos educativos das práticas corporais.

No campo da formação inicial, o PIBID oferece possibilidades para que licenciandos observem, planejem e discutam práticas inclusivas em aproximação com a escola pública. Essa experiência pode favorecer a construção de conhecimentos profissionais relacionados à acessibilidade, adaptação e avaliação das atividades.

Conclui-se que a iniciação ao paradesporto nos anos iniciais pode contribuir para uma Educação Física escolar comprometida com o reconhecimento das diferenças e com a garantia da participação. Sua finalidade educacional não está apenas na apresentação de modalidades paralímpicas, mas na construção de experiências nas quais diferentes corpos sejam reconhecidos como participantes legítimos da cultura corporal.

5 AGRADECIMENTOS

ISSN 2317-1316

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), edição 2024-2026.

À Secretaria de Educação (SEDUC) da Prefeitura Municipal de Santos, pela parceria estabelecida com as escolas municipais.

À Universidade Santa Cecília (UNISANTA), pelo apoio ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

6 DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Durante a elaboração deste trabalho, utilizou-se a ferramenta ChatGPT para apoio à organização textual e à sistematização inicial da literatura. O conteúdo gerado foi revisado, editado e validado pelos autores, que assumem total responsabilidade pelo texto final.

7 REFERÊNCIAS

Beltrame ALN, Sampaio TMV. Atendimento especializado em esporte adaptado: discutindo a iniciação esportiva sob a ótica da inclusão. Revista da Educação Física/UEM. 2015;26(3):377-388.

Brasil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

Brasil. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015.

Brasil. Ministério do Esporte. Secretaria Nacional de Paradesporto. Brasília: Ministério do Esporte, 2026.

CAPES. Pibid: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2024.

Fiorini MLS, Manzini EJ. Inclusão de alunos com deficiência na aula de Educação Física: identificando dificuldades, ações e conteúdos para prover a formação do professor. Revista Brasileira de Educação Especial. 2014;20(3):387-404.

ISSN 2317-1316

Fraga NF, Silva APS. O paradesporto como conteúdo da Educação Física escolar: uma revisão sistemática. Revista Brasileira de Educação Especial. 2024;30:e0161.

Guthierrez CCMY, Perelli dos Santos JM. A capoeira e o atendimento educacional especializado para estudantes com TEA: dimensões afetivas, sociais e cognitivas. Revista Teias. 2025;26(80).

Jokura PR, Pecinato GS. Adaptações metodológicas e inclusão de estudante com deficiência nas aulas de Educação Física no âmbito do PIBID. 2023.

Mendes RJF, et al. O ensino do voleibol sentado nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. Educere: Revista da Educação da UNIPAR. 2023;23(3).

Silva MDD, Cardoso LCR, Almeida DMF. Inclusão reversa e voleibol sentado: direitos humanos em jogo. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. 2021;35:1-6.

Teixeira BV, Mota CG. A prática da capoeira por pessoas com síndrome de Down: uma revisão da literatura. Acta Fisiátrica. 2018;25(1).